

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA QUE INTEGRA ENSINO E PESQUISA

Profa. Dra. Luciene Souza Santos¹ (UEFS)

Resumo:

Este trabalho objetiva apresentar uma experiência exitosa de produção de sequências didáticas nos projetos de Estágio Supervisionado de Letras de uma universidade pública da Bahia. As sequências produzidas pelos alunos da graduação em Letras são elaboradas a partir da postura investigativa de educadores/as no contexto contemporâneo com base nas propostas trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na concepção sociointeracionista da linguagem (Vygotsky, 1989). O conceito de Postura Investigativa, segundo Ponte *et all* (2003), utilizado nesse estudo, representa um “modo de ser” do professor que contempla o movimento de estar sempre buscando compreender sua própria prática e atingir, por meio dela, o maior número possível de alunos. Isso porque acreditamos no que diz Murrie (1992): “[...] as condições do ensino secundário e superior estão aprofundando cada vez mais o desconhecimento recíproco entre quem pesquisa a língua e quem ensina”. Metodologicamente esse estudo perpassa três instâncias: as observações de sala de aula, geradoras do diagnóstico necessário para promover a reflexão provocadora do tema do projeto de estágio; a produção do estudo bibliográfico, gerador dos textos reflexivos que dão vazão ao projeto de pesquisa e ensino a ser desenvolvido em sala de aula; e, a produção das sequências didáticas que ajudarão o professor em formação (licenciando de Letras) a ser um profissional indagador, aquele que assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, como objeto de reflexão, como objeto de análise. Para a coleta de dados são utilizados instrumentos elaborados a partir dos objetivos de cada projeto de estágio e aplicados na entrada e na saída do período de regência. A etapa de elaboração dura, em média, um semestre letivo e a de aplicação, mais um outro semestre, somando o total de um ano para tal experiência. Acredita-se que ao experimentar a integração ensino e pesquisa, o aluno da universidade tem a oportunidade de experimentar a práxis (Freire, 2001) que tanto perseguimos.

Palavras-chave: Práxis Pedagógica; Sequência Didática; Estágio Supervisionado.

1 Introdução

[...] as condições do ensino secundário e superior estão aprofundando cada vez mais o desconhecimento recíproco entre quem pesquisa a língua e quem ensina. Esse desconhecimento precisa ser superado;

(MURRIE, 1992)

O Professor de Língua Portuguesa na sociedade da informação, da comunicação e da aprendizagem se encontra diante de uma grande complexidade: olhar a sua sala de aula pela lente do professor pesquisador, aquele que, assim como os etnógrafos, se propõe a interpretar fenômenos que emergem da sua escola através de três grandes questões:

1. O que está acontecendo aqui?

2. O que essas ações significam para as pessoas envolvidas nelas? Ou seja, quais são as perspectivas interpretativas dos agentes envolvidos nessas ações?
3. Como essas ações que tem lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com a dimensão de natureza macrossocial em diversos níveis: o sistema local em que a escola está inserida, a cidade e a comunidade nacional?

(Erckson, 1990 in Bortoni-Ricardo, 2008, p. 41)

Para isso, o professor precisa enxergar que o educador de hoje é fruto de um ensino que desconsiderava a realidade e os interesses dos alunos, e que conceitos como o de **aprendizagem significativa** não se refletiam em sua concepção de planejamento e não se revelavam em sua prática. Em Língua Portuguesa, especificamente, o texto era usado como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais e ensino de língua se resumia a ensino de gramática. Não havia uma preocupação em torno da produção de leitura, nem um olhar mais crítico para a análise linguística como vemos atualmente. O que acontecia era a valorização demasiada da gramática normativa, que conseqüentemente, gerava preconceito linguístico, a memorização de regras e a aplicação de exercícios mecânicos como sinônimos de boas práticas nas aulas de Português.

Mas no começo dos anos de 1980 um movimento novo, oriundo da didática, começa a ganhar relevância em sala de aula e a preocupação com a interação professor-aluno e aprendizagem com qualidade passam a ter relevância nas discussões voltadas para a formação de professores.

Essas duas tendências motivaram os professores a criar o hábito de investigar seu próprio trabalho pedagógico, visando identificar a melhor forma de apresentar um assunto ou tópico em sala de aula e a acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos. Eles começaram a investigar suas próprias turmas e a trocar experiências, o que lhes permitiu identificarem achados equivalentes ou contraditórios. À medida que aprofundaram essa experiência, começaram a desenvolver pesquisa científica e a escrever monografias e estudos de caso, em que descreviam suas estratégias. Surgia assim a ênfase na figura do professor pesquisador;

(Bortoni-Ricardo, 2008, p. 45-46)

A partir daí, muitos professores começam a se preocupar em produzir conhecimento sobre a sua realidade profissional no intuito de melhorar a sua prática e, para isso, percebem que precisam lidar com alguns saberes que extrapolam o que aprenderam em sua formação nos cursos de Letras, daí a necessidade de construir uma proposta de ensino aprendizagem que leve em consideração um processo de integração recíproca entre campos de conhecimentos diversos, interdisciplinares. Além disso, esse professor se vê desafiado diante do avanço tecnológico, gerador de grande complexidade social em que o seu aluno aprende em rede, de maneira colaborativa, com perspectivas diferentes das adotadas por ele para ensinar língua materna.

Além disso, o desígnio histórico da escola para todos traz para a sala de aula desse professor um aluno oriundo de esferas sociais diversas, com formações familiares complexas e uma realidade social em que a própria comunidade escolar tem dificuldade em saber para que ela quer a escola. Isso tudo, gera incertezas que transformam o professor num profissional que vive numa situação complicada.

Mas que sociedade é essa?

É a sociedade da informação: aberta e global e exige competências de acesso, avaliação e gestão da informação recebida, funções que antes não eram pensadas pelo professor de Língua Portuguesa, mas que agora não podem ser desconsideradas. Mais que o conhecimento de determinados aspectos linguísticos, esse profissional precisa ajudar o seu aluno a localizar a

informação e a julgá-la pertinente ou não, cabe a ele a mediação adequada para que as aulas de língua materna se tornem um espaço crítico em que o sujeito em formação possa filtrar, através da leitura, as informações reais das que propõem a manipulação do leitor, cabe ainda, ajudar esse aluno a defender seus argumentos de maneira coerente e a passá-los adiante com a ética e a criticidade que se espera de um cidadão numa era em que a igualdade de oportunidade e acesso à informação é uma realidade. Caso isso não seja levado em consideração, a escola, local onde novas competências de acesso devem ser adquiridas, reconhecidas e desenvolvidas, correrá o risco de desenvolver mais um fator de exclusão social.

A escola não detém o monopólio do saber e o professor não é mais o único transmissor do conhecimento, por isso, precisa se situar diante das novas instâncias de produção de conhecimento, bem mais exigentes. O aluno não é mais o receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos e a escola como sistema organizacional, aberto, pensante e flexível, a si mesmo e a comunidade que se insere, precisa levar em conta os seguintes aspectos:

Quem é o aluno na sociedade da aprendizagem? É um sujeito que aprende, que se desenvolve ao longo da vida (saber conhecer) que se apresenta como alguém que tem uma mente ativa e não meramente repetitiva. Mas ainda é o aluno que carece de professor que assuma uma prática de sala de aula capaz de desenvolver a sua criticidade e de quebrar com o tradicionalismo da educação brasileira, que foi chamada por Freire (2000) de “educação bancária”, aquela em que o professor sabia muito e depositava na cabeça dos seus discípulos todo o conhecimento para alguém sem a capacidade de pensar sobre eles e sobre o mundo. Comportamento que gerava ainda mais estratificação social e formava apenas uma massa de trabalho destinada a repetir funções para as quais foram treinados, sem refletir sobre elas.

Esse aluno ocupa um espaço onde se produz conhecimento que é a sala de aula e que para desenvolver uma educação ideológica precisa de uma organização da aprendizagem assentada no próprio aluno e na sua capacidade de auto e hetero-aprendizagem. Para isso, é preciso que entre em jogo o professor pesquisador, aquele que extrapola o uso do conhecimento produzido por outros pesquisadores e produz os seus próprios conhecimentos a partir dos problemas e inquietações que lhe afetam nesse espaço chamado escola. É o professor que através de uma postura investigativa e reflexiva aprende a olhar a sua prática de um outro lugar: “É um “modo de ser” do professor que contempla o movimento de estar sempre buscando compreender sua própria prática e atingir, por meio dela, o maior número possível de alunos.” (Ponte, Brocardo e Oliveira, 2003)

2 O ALUNO DE LETRAS DIANTE DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: Professor Pesquisador em formação

O Professor Pesquisador e Reflexivo é aquele que indaga, que assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, como objeto de reflexão, como objeto de análise. É aquele que olha para os seus saberes docentes (Tardif, 2002) como elementos que impactam diretamente a sua prática e que se constituem em elementos do currículo que desenvolve em sala de aula. São os saberes experienciais, escolares, curriculares, pessoais e profissionais, todos capazes de guiar o professor a uma prática mais conservadora ou mais autônoma e dialógica, dependendo do olhar que lançam sobre esses saberes.

Por isso, o aluno de Letras, professor em formação inicial precisa estar atento a eles e a reflexão diante das práticas que observa no Estágio Supervisionado. Cabe ao estudante de Letras refletir sobre em que medida e em que sentido é possível ensinar a língua materna para pessoas que

a utilizam com todo o domínio necessário para se expressar e se comunicar em sua vida cotidiana. É necessário ainda pensar sobre o que é ensinar o falante a perceber (inclusive socialmente) os diferentes níveis, registros e usos da linguagem que ele, como falante da língua portuguesa, pode dominar. Esse estagiário tem que estar atento também para pensar sobre como é possível integrar o trabalho com a linguagem em sala de aula que envolva leitura e produção de textos, que levem o aluno a assumir crítica e criativamente a função de sujeito do seu discurso, como falante ou escritor, ouvinte ou leitor intérprete.

Não são questões fáceis de serem respondidas, mas são elas que levarão o estagiário de Letras a diagnosticar o que acontece nas salas de aula contemporâneas, vistas através das observações realizadas em seu período de Estágio Supervisionado. A partir da etapa de observação, geradora de uma atitude de reflexão diante dos fenômenos que emergem da escola observada e que se mostram para este aluno é que ele é capaz de estabelecer uma relação estreita com os outros e com o mundo, com isso, ele será capaz de fazer melhores escolhas que conduzirão as suas práticas de efetiva regência: “A fenomenologia pode nos ensinar que educar exige um engajamento de cuidar do outro [...]. Ela revela a nossa condição de sermos artesãos de formas de vida”. (Caminha, 2010b, p. 3-4)

Cabe aqui trazer a experiência, vivenciada por mim¹, a frente da disciplina Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura desde o ano de 2010. Ao me deparar com um grupo de alunos inexperientes, aguardando as orientações para vivenciarem o estágio, vi na fenomenologia uma oportunidade para que eles comesçassem a efetivar uma prática em que o olhar de pesquisador estivesse também atento aos fatos que fossem emergindo da escola campo desde o período de observação.

Ao discutir as questões já elencadas nesse artigo, relativas a sociedade contemporânea e ao aluno que se pretende formar nas aulas de Língua Portuguesa, os estagiários estudavam a teoria fenomenológica aliada a educação, e só a partir daí, saíam para o período destinado a observação com o objetivo de registrar todos os fenômenos emergidos que lhes chamassem a atenção. De posse dessa lista, cada estudante deveria fazer uma análise e levantar as hipóteses que, provavelmente, geraram esses eventos suscitados em seus registros. Ai estaria estabelecida a primeira ação de pesquisa, observar, registrar os dados no diário de campo e analisa-los sob a luz das teorias e discussões estabelecidas em sala de aula. Depois dessa análise, cada aluno deveria selecionar o que mais lhe inquietou e que carecia de intervenção, nascia aí o problema de pesquisa.

Essas análises geravam questionamentos dos mais diversos e nem sempre eles estavam diretamente ligados a um gênero textual ou a outro conteúdo mais específico do ensino de língua materna, na maioria das vezes a problemática trazia uma discussão maior, voltada para as relações interpessoais, para a escola como um todo ou para a postura do professor. Mas era através dela que o estudante conseguia delimitar um tema para o seu projeto de estágio, agora também de pesquisa, para ser perseguido durante todo o estágio. Questões ligadas ao racismo, ao protagonismo juvenil, a descrença dos alunos numa possível mudança de vida, motivaram estagiários a usarem o ensino de Língua Portuguesa como um espaço de discussão da vida real, sem perder de vista os aspectos relacionados a leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

A partir daí, ficava mais fácil para a construção da problematização e dos demais textos que compõe o projeto de estágio supervisionado como a Justificativa, os Objetivos e as próprias sequências didáticas. Elementos como objeto de estudo e relevância da pesquisa também foram levantados e o estudante de Letras pode perceber que havia uma relação estreita entre ensino e

¹ A autora sente-se à vontade para usar a primeira pessoa no relato da experiência pessoal vivida na condição de professora de estágio supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura.

pesquisa. Seus projetos careciam de instrumentos de coleta de dados tanto quanto de atividades significativas a serem desenvolvidas em suas classes, cabia apenas o desafio de integrá-los a ponto deles servirem de suporte para o desenvolvimento de boas práticas.

Com o tema do projeto definido, começava aí o estudo e a discussão sobre a sequência didática como um modo mais contextualizado de organizar o conhecimento, pois traz princípios que levam em consideração a maneira com que os sujeitos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles e, mediada pela interação com o outro.

A cada semestre os estudantes de Letras iam se conscientizando de que a organização e a sequenciação dos conteúdos no ensino de Língua Portuguesa deveria ser decidida pela escola e pelo professor, considerando o contexto de atuação educativa e os seguintes aspectos: a) grau de complexidade do objeto, ou seja, escolher os objetos de estudo dentro de uma complexidade passível de ser aprendida pelos alunos da educação básica; b) exigências da tarefa, ou seja, apresentar uma sequência de atividades em que o aluno se sinta desafiado a aprender, sem uma exigência maior do que ele possa dar conta ou menor que isso, sem o desafio necessário aos processos de aprendizagem; c) reconhecimento do Projeto Político Pedagógico da escola, elemento norteador da gestão de sala de aula; d) definição de objetivos de ensino para cada ano, unidade letiva, disciplina etc; e) e, proposta de ensino pautada nas necessidades de aprendizagem dos alunos.

De posse dessas informações o estagiário de Letras passava para outra etapa, a de elaboração das sequências didáticas, sempre ligadas à problemática do projeto. As sequências, depois de tematizadas e de ter os seus objetivos e conteúdos definidos, trazia uma questão norteadora que desencadeava toda a produção da aula. Essa questão funcionava também como forma de levantar o conhecimento prévio que o aluno desse estagiário já sabia sobre os conteúdos propostos. Só de posse desse levantamento é que o estagiário seguia com o roteiro da sequência até o momento final, em que sintetizava as ideias aprendidas nas aulas.

Mas apenas as sequências didáticas não eram bastante para dar conta do levantamento de dados que mostraria a esse estagiário se ele conseguiu responder a problemática maior, levantada no início do projeto, por isso ele se preocupava em escolher dispositivos de coletas que fossem ao mesmo tempo atividades de linguagem.

Foram muitas os dispositivos de coletas selecionados, além do uso da observação participante e do diário de campo, todos elementos imprescindíveis a pesquisa qualitativa, todos a disposição do estagiário de Letras em seu processo de formação inicial.

Conclusão

Ao finalizar cada etapa de Estágio Supervisionado foi possível perceber que o estudante de Letras agregou a sua formação inicial uma postura investigativa e um olhar mais aguçado para a sua prática em sala de aula. Com isso, ele externou através dos portfólios, instrumentos usados para relatar as suas aprendizagens no estágio, o quanto aprendeu e como estava mais atento a partir de então para os fenômenos que emergiram da escola.

Esses estudantes encontraram também nessa forma de planejar, uma possibilidade de enxergar os seus alunos como interlocutores da produção de conhecimento que se constitui na escola, já que entenderam que todo sujeito carrega aprendizagens sobre a língua materna e, elas são passíveis de serem ampliadas na escola.

Por fim, com a possibilidade de integrar elementos da pesquisa ao projeto de estágio, o olhar de pesquisador desses sujeitos ganhou novos contornos e ele saiu mais consciente de que todo o professor precisa ser também um pesquisador, alguém com postura investigativa, capaz de refletir sobre a sua própria prática e redimensiona-la, sempre.

Referências Bibliográficas

- 1] ALARCÃO. **Formação Reflexiva de Professores**. Porto: Porto Editora, 1996.
- 2] BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de língua Portuguesa**. 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997a.
- 3] BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. **Parâmetros Curriculares Nacionais de língua Portuguesa**. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- 4] CAMINHA, I. O. **Fenomenologia e educação**. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO, 12., 2010. Anais... Londrina: UEL, 2010b. FÁVERO, M. L. **Sobre a formação do educador: desafios e perspectivas**. Série Estudos. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1991.
- 5] FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 30.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- 6] _____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- 7] MURRIE, Zuleika F. (org). **O ensino de Português: do primeiro grau à Universidade**. São Paulo: Contexto, 1992.
- 8] PONTE, J. P.; BROCARD, J.; OLIVEIRA, H. **Investigações na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- 9] TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- 10] VYGOTSKY, Lev Semenovich; **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

iAutor(es)

Luciene Souza Santos, Doutora em Educação
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Departamento de Educação
lucienesantoz@gmail.com